

*N16.*

# REVISTA DO NORTE

RECIFE, 30 DE AGOSTO DE 1891

## NOTAS SOBRE A CRIMINALIDADE NO ESTADO DO CEARA'

( AO DEZEMBARGADOR PEDRO DE QUEIROZ )

### I

#### NOÇAO DO CRIME



omeçarei firmando algumas idéas sobre o modo de comprehendere explicar o crime.

A idéa de considerar o crime como um producto da sobrevivencia da vida selvagem, como um phenomeno bem caracteristico de atavismo, que foi o ponto de partida dessa brilhante e numerosa eschola italiana que tem por chefes Lombroso, Ferri, Garofalo, Marro, Fioreti parece ter feito sem tempo. Os golpes certeiros da critica manejada por Colajani, Tarde e Joly levaram a convicção mesmo aos centros orthodoxos. Em França esta idéa capital da theoria lombrosiana foi, desde os primeiros momentos posta, por assim dizer, em reserva. O proprio Lacassagne, o illustre professor de medicina legal em Lyon, que é, embora dissidente, o mais illustre representante da *nuova scuola* na Republica Franceza, oppoz, á hypothese do atavismo, a da suspensão no desenvolvimento do individuo e da degenerescencia, que parece ter ultimamente conquistado maior numero de adhesões.

Mas ainda que se admitta como verdadeira a theoria do criminologista francez, ainda que consideremos os criminosos natos como individuos cujo desenvolvimento normal foi sustado por quaesquer

causas ou cujas faculdades se mostram amesquinhadas ou irregulares em cotejo com as da generalidade, é sempre verdade que este ponto de vista biologico não explica o crime de um modo completo, pois que este é, antes de tudo, um facto social. Muito embora seu apparecimento exija, geralmente, da parte dos individuos, certas condições physiologicas especiaes, muito embora sua embryogenia se desdobre no dominio da psychologia, sua eclosão se vae fazer na sociedade, seu germen veio della e, dentre os factores que concorrem para a sua producção, os sociaes são, sem duvida, os mais valiosos, o que não importa affirmar que os physicos e anthropologicos sejam de exigua importancia.

O crime surge na mente do individuo sob a forma de idéa ou de emoção, elabora-se na consciencia e, produzindo, a volição, tende a realizar-se. E' claro que os espiritos bem formados não se deixarão, sinão excepcionalmente, arrastar á pratica desses tristissimos factos que são um forte grilhão a nos prender inexoravelmente á bruteza da animalidade, donde a cultura nos pretende distanciar, mas onde nos arrastamos e nos debatemos, em vão, como frageis insectos envolvidos nos fios resistentes de vasto aranhol. Esta semente necessita de um terreno proprio. Este terreno, que é o homem, e que ou existirá convenientemente afeiçoadão pela natureza, quero dizer, por condições physiologicas especiaes, ou será preparado por circumstancias diversas, como sejam, o meio social cujo nível moral decresce, cujos meios de repressão se afrouxam, a educação descuidada que não tracta de cultivar o caracter e as inclinações bôas, as crises economicas e politicas, a falta de adaptação ao meio social, a miseria invencivel dos que não podem luctar vantajosamente pela vida, o alcoo'ismo, o contacto com os malfeidores cujos successos despertam de zejos de imital-os e cujos actos de fera bravura suscitam entusiasmos. E' naturalissimo que concorram para o mesmo resultado, corroborando esses factores, certas tendencias ethnicas e certas influencias cosmicas.

Cahindo a semente em um terreno assim apropriado a fazel-a germinar, sua elaboração psychica é rapida. Vel-o-emos aparecer geralmente com uma precocidade assustadora e propagar-se com tanta mais facilidade quanto mais favoravel lhe for o meio social pelo desequilibrio dos costumes e pela frouxitão dos meios repressivos empregados para rebatel-o. Como essas plantas aquáticas cujas raizes se prendem ao solo lamacento, á yasa dos pantanos e que atravessando, ás vezes, profundas massas d'agua vão expandir-se

em florações ao lume d'um lago, sob a claridade quente do sol, o crime que nos alarma e nos inquieta, que perturba a eurythmia social e vibra desagradavelmente na consciencia dos homens honestos, atravessou phases diversas na mente sombria do criminoso, é a ultima evolução de uma idéa ou de um sentimento suggerido pelo meio social.

Si o crime é um facto social como o direito, que é sua antithese logica, consideremo-lo principalmente em seu aspecto social, embora tenhamos de pedir auxilios á psychologia, á physiologia, á psychiatria e á anthropologia. Considerado sob esse ponto de vista, julgo que devemos comprehender o crime como — uma offensa ás condições existenciaes da sociedade ou, mais claramente, como *uma perturbação mais ou menos grave produzida na ordem social e acarretando um embaraço mais ou menos consideravel ao regular funcionamento da mechanica social*.

E' facil de ver que me coloco, ainda desta vez, a sombra das doutrinas do grande jurista-philosopho que já teve occasião de definir o delicto — "um attentado ás condições de vida da sociedade, constatado da parte da legislacão por meio de penas repressivas." (1)

E como as condições existenciaes da sociedade variam de povo á povo, de epocha a epocha, com ellas variará este elemento perturbador de seu equilibrio e de sua accão. Attendendo a essa transformação evolutiva dos elementos sãos e doentios da vida social, reconhece-se quanto andou acertado o auctor da *Criminalidade comparada* dizendo que o crime constitue uma profissão de um certo numero de homens, e que consiste em *actos que a opinião dominante acredita n'um grupo social, julga passíveis de pena*. (2).

Distancio-me, portanto, neste ponto fundamental, da eschola italiana, o que não importa em rejeitar suas conclusões em outros. Antes, devo dizer o sem rebuço, admiro e acato o labor desses infatigaveis investigadores a quem deve immenso a transformação porque está passando a sciencia e o direito criminal. O que faço é con-

(1) Ihering — *Der Zuveck im Recht*, I, p. 490. Este modo de ver encontra apoio na linguagem. A palavra portugueza — *delicto* — provem de *derelinquer* — abandonar (o regimen legal); a palavra alema *verbrechen*, crime, vem de *verbrechen* romper (a ordem social).

(2) Tarde — *La criminalité comparée*. A prova de que o crime se afera pela opinião está na persistencia das guerras onde matam-se os homens aos milhóes sem um grito de piedade pelo inimigo afogado em sangue, está na persistencia do duello em que um homem honesto e finalmente educado golpeia seu adversario e o mata a sangue frio, com todas as regras d'arte.

servar meu direito de critica para guiar-me, á luz dos principios, nesse amontoado consideravel de dados fornecidos pela psychiatria, pela pathologia, pela anthropologia, pelas doutrinas carcerarias ; o que procuro é não perder-me nesse labyrintho de descripções, de cifras, de observações, de estatistica, de representações graphicas, de galtonisações de craneos e physionomias, de anthropometria, onde as affirmações e as contestações se degladiam; o que ambiciono é ver depuradas, n'uma synthese final, todas essas analyses minuciosas e delicadas que nos vão descobrindo dia por dia um aspecto novo deste phenomeno proteico.

Si vejo muita verdade nas tres ordens de factores do crime, os physicos, os anthropologicos e os sociaes, tam profundamente estudados por Ferri; si admiro as pacientes observações de Lombroso e Marro, as vistas ousadas, quasi geniaes do primeiro, e as deducções lealmente rigorosas do segundo; si applaudo as habeis applicações da theoria ao direito como as sabe fazer Garofalo, não posso desconhecer que ha muita cousa a refazer, que muitas illações foram precipitadamente tiradas e que o caminho seguido nem sempre é o mais conveniente. Não me proponho á fazer uma critica detalhada da eschola, mas para fundamentar o que acabo de avançar, limitar-me-ei a lembrar que, procurando interpretar o crime mais biologica do que socialmente, por mais que investiguem, nunca nos poderão nos dar uma idéa exacta e completa do crime. A theoria de um delicto natural de Garofalo se prende a essa preocupação caracteristica da eschola italiana, preocupação que actúa mesmo sobre aquelles que procuram reagir contra ella, como é, por certo, o caso do ilustre presidente do tribunal de Ferrara.

“ Delicto natural ou social, escreve este conspicuo escriptor, é uma lesão d'aquellea parte do senso moral consistente nos sentimentos altruistas fundamentaes (piedade e probidade), segundo a medida media em que se acham nas raças humanas superiores, medida que é necessaria para adaptação do individuo á sociedade” (3)

Antes de tudo os qualificativos *natural* e *social* não se equivalem para que nos seja indiferente attribuir um ou outro ao mesmo ser. São até antitheticos sob certo ponto de vista, pois que a sociedade reage contra a natureza da qual procura libertar os individuos.

(3) *Criminologia* p. 30. Esta definição parece suscitada por outra de Poletti, embora seja mais positiva e mais clara.

Alem disso, depois que a sciencia demonstrou a inanidade da religião natural e do direito natural, devemos nos premunir contra *um delicto natural*. A natureza, é sediça, não conhece o bem e o mal, o justo e o injusto. Estes conceitos nasceram com a sociedade e somente nella se comprehendem. Si a natureza conhece alguma lei é o movimento, a evolução que trabalha a materia, transformando-a constantemente de nebulosa amorpha em sóes radiosos, de anorganismos em seres vivos, em arvores frondentes, em florações pomposas, flammejantes, em associações humanas. Que importa á natureza que, no curso dessa evolução, se desencadeiem as tempestades das paixões e dos vicios, que os imperios se anniquillem na carnificina das batalhas ou que um homem honesto caia sob o punhal de um sicario? A morte serve de pasto a vida, como já o reconhecia Shakespeare, e um campo juncado de cadaveres é o berço de milhões de vidas. E' justamente a sociedade, ultimo elo da cadeia evolucional dos seres vivos em nosso planeta, que procura dominar e dirigir, em beneficio proprio, as forças que formam em seu conjunto a natureza.

Mas não é somente por esse lado que pecca a theoria de Garofalo sobre o delicto natural ou social. Este defeito podia ser considerado de forma simplesmente. O *proto-pseudon*, o erro fundamental está, penso eu, em considerar-se nella o delicto como offensa aos sentimentos de *piedade* e *probidade*, com exclusão de outros sentimentos e outros estados de consciencia visivelmente mais em relação com este facto como são os do direito e do dever. "Como si a idéa de crime, diz Tarde, não implicasse essencial e naturalmente a de um direito ou de um dever violado e não simplesmente de um sentimento violado, e como si este sentimento mesmo fosse causa diversa de uma fé accumulada e consolidada no direito e no dever." (4)

Todo crime se resolve n'uma infracção do direito, não porque a lei o declare acto punivel, pois não me refiro exclusivamente ao direito em sua manifestação legal, mas porque o direito é o tecido de normas garantidoras da vida social e tudo que a embaraça, ou

---

(4) *Philosophie penale*, pag. 71 — As idéas que aqui vou expondo, sobre o carácter anti-jurídico do crime, as possuia já em 1887 e as expendi por occasião de leccionar particularmente o direito criminal.

Nunca me havia, porem, servido dellas na imprensa. Encontrando-as indicadas no trecho tomado ao admiravel criminologista e critico francez, entendi dever apresental-as apoiadas por sua grande auctoridade, que aliás não é a unica a que me podiria soccorrer.

perturbando a ordem de um modo alarmante ou impedindo o desenvolvimento de uma maneira que é ou poderia ser efficaz, tudo que põe em perigo a synergy das forças sociaes ou desvia sua directrix, se coloca em antinomia com o direito.

Isto não significa absolutamente que nos limitemos a estudar o crime como legistas. O que ja ficou dicto antecedentemente é bastante para que se não me attribua um tal pensamento. Só poderia opinar assim quem não reconhecesse o valor das conquistas realizadas estes ultimos tempos pela anthropologia, estatistica e sociologia criminæs, e só poderia suspeitar em mim tam mesquinha e rançosa idéa, quem acreditasse na impossibilidade de estudar-se tambem o direito pelos processos naturalistas. Mas é quasi uma vulgaridade hoje tractar o direito como um phenomeno social que se transforma e modifica por leis analogas ás que presidem a evolução de todos os outros phenomenos sociaes. Seria até incongruente que o elemento perturbador da coexistencia humana podesse ser explicado de modo diverso pelo que se deve explicar o elemento garantidor que se lhe oppõe. A verdade é que direito e crime, si não evoluem em paralelismo, são inseparaveis um do outro como ambos o são da sociedade; transformam-se e modificam-se sem que um possa eliminar o outro.

Acredito que de mais em mais a victoria do direito se consolide, que de mais em mais se apouque, se adelgace a producção criminosa, porem sem que jamais nos seja dado extirpal-a, de um modo completo, do corpo social. Essa perspectiva não conseguirá descoçoar os que andam empenhados na humanitaria missão de encadeiar, de reduzir á impotencia essa forma do mal, porque não se diz que sejam infructiferos seus nobres esforços.

Pensando assim, acreditando que a parte sã do genero humano deve armar-se contra a parte infeccionada para dominar-a, para enfaquecer-a, e achando que não poderá fazer nada de proveitoso sem que conheça bem as condições desse terrivel adversario, animei-me a emprehender este trabalho, a exemplo do que se tem feito noutros centros. Não o podia executar com o vagar e a largueza que o assunto exige, mas, reconhecendo que não me é dado fazel-o definitivo, desejaria, ao menos, que fosse suggestivo.

Dizia Bayle, o sceptico espirituoso e lucido, que o homem constitui — *le morceau le plus difficile à digérer qui se présente à tous les systèmes*. Verifiquei mais uma vez, no presente estudo, a verdade desse profundo apophtegma.

E é que elle se corroborava aqui com a pobreza jobica de nossa estatistica.

E' conhecida a ousida metaphora de um celebre escriptor alle-mão — abramos a bocca ás cifras. Seria muito difficult fazel-o á nossa estatistica. E' de uma reserva, de um mutismo desesperador sob certas relações. Uma somma de crimes, nem sempre distribuidos geographicamente, uma observação destacada e quasi mais naída.

Em taes condições seria impossivel esperar um estudo perfeito, ainda que me sobrasse a competencia que me falta. Porem, ao menos, tenho esperança de que seja elle o provocador de outros mais vastos e mais solidos, mais profundos e mais completos. Eu só pude conseguir o que ahi segue-se. Outros serão mais felizes.

(Continua)

CLOVIS BEVILAQUA.



## A PHILOSOPHIA POSITIVA

E O SEU DESENVOLVIMENTO ENTRE NOS (\*)

(ESBOÇO)

Savoir pour prevoir a fin de pourvoir.  
(Preceito comteano)

I

(Continuação do n. 15)



sso, quanto á *lei dos tres estados*, ou ao principio da evolução quē se desdobra lentamente através das sociedades, pelas energias dynamicas do progresso.

Depois delle, depara-se na obra de Comte como já disse com o grande corpo encyclopedico da *classificação hierarchica dos*

(\*) Este estudo constitue um capitulo do livro inedito; *Brades e Golpes*.

conhecimentos humanos, de que dei já uma idéa. Bacon, d'Alembert e Ampère foram infelizes nas classificações que tentaram levar á esseito; é sabido. Augusto Comte, porem, de posse do principio da "generalidade decrescente", e com o seu alto senso philosophico, poude obter o resultado explendido da connexão logica, surprehendente, dos seis secundos troncos primordiaes das sciencias, encarados debaixo do ponto de vista ab-tructo, mas com as suas dependencias concretas. (1).

Dahi para concluir pela relatividade que deve caracterisar todas as affirmações humanas, havia simplesmente um passo á dar.

E foi isso justamente o que succedeu. O methodo firmado na observação e na experiéncia que o nosso autor tinha alargado e estabelecido para os seus trabalhos, fez resultar, como uma grande luz modesta e prometedora, a negação dos principios absolutos, das causas primarias e finaes; — a *lei da relatividade dos nossos conhecimentos*. (2)

Nem podia ter uma outra base mais perfeita a segurança passmosa, indiscutivel, que dão á todos que as consultam as asserções da Philosophia Positiva, compendiadas nos seis livros do *Curso*.

E' com o reconhecimento desse nobre principio que deixo apontado, é consequentemente com a rejeição total das theorias *aprioristicas*; com a convicção de que a verdade só pode ser extrahida do estudo da phenomenalidade geral em suas relações de successão e semelhança; com o espirito somente aberto á suggestões radiosas do amor, da paz, do progresso e da ordem, reveladas desde os rudimentos da sciencia de Archinedes até os preceitos da Sociologia, — a nova e futurosa sciencia concebida e apresentada afoitamente aos povos —; que se ostenta em todo o seu vigor admirável, em toda a attracção indefinível de seu busto calmo, inatacável, — a creaçao immortal de Augusto Comte !

\* \* \*

---

(1) No livro do joven e malogrado critico brasileiro, Rocha Lima (*Critica e Litteratura*) encontra-se uma noticia abreviada, mas clara, da dependencia em que estão, na classificação de Comte, as sciencias mais complexas das menos complicadas.

(2) O principio da relatividade de todos os conhecimentos é capital, na philosophia positiva. Qualquer que o comprehenda e o acorde pode ser considerado positivista, na mais lata accepção deste termo. Littré é desta opinião, e por isso applicou o qualificativo citado ao autor dos *First principles* — o mesmo cujos ataques contra a classificação de Comte elle bateu vitoriosamente.

A Philosophia Positiva com todo o seu cortejo radiosso de idéas renovadoras, honradamente firmes, modestamente humanas, penetrou no seio do Brasil muito antes de agitar com o seu alento ruidoso a antiga metropole de nossa terra.

Talvez que agora, no momento actual, quem se der ao trabalho de alongar a vista inquiridora para as plagas longinquas que assentam no occidente da peninsula iberica, e seguir mesmo de longe o movimento que lá imprimem ao pensamento hodierno homens como o autor das *Visões dos tempos e Tempestades Sonoras*, como Julio de Mattos, Oliveira Martins, Consiglieri Pedroso, Adolpho Coelho e outros; talvez que quem acompanhar esse movimento ache incrivel que o velho reino não nos tenha precedido na evolução scientifica que fizemos, tambem ha pouco tempo. Entretanto essa affirmação com que eu principiei a segunda parte deste artigo, e que não sou o primeiro á fazer, é a verdade inquestionavel, historica. (3)

Pernambuco foi, entre nós, (si não si quizer fallar de duas ligeiras noticias que sobre o positivismo apareceram em um compendio de mathematica publicado na Bahia e em uma publicação feita na Belgica por um filho do Maranhão a província que teve a gloria de atirar ao mundo da intelligencia as primeiras asserções adiantadas, positivas, serias, que os espiritos emancipados da Europa facetavam desde o principio do seculo. Isso estava nas suas tendencias. Um critico nacional (4) provou ultimamente que a mór parte das idéas civilisadoras que têm tido curso na nossa infeliz patria partiram todas do Recife, deste *meio pauperrimo, heroicamente provinciano* que nos cerca.

E foi Tobias Barreto de Menezes o notavel criticista brasileiro-allemão quem destoou aqui, pela primeira vez do concerto *communum*, sem valor, das moribundas concepções *catholico-metaphysicas*. No

(3) De facto: Anteriormenie á adhesão de Th. Braga ás doutrinas de Comte, em Portugal nem ao menos se fallava em sciencia positiva, em methodos novos para o estudo dos phenomena sociaes, etc. No Brasil, porém, muito tempo antes de Th. Braga, alguns obscuros escriptores provincianos escreveram o nome do philosopho francez e tiveram noticia da Sociologia.

Tivemos essa gloria, mas não nos soubemos aproveitar della. Hoje, em quanto Lisboa estremece sob uma propaganda vasta e forte que, capitaneada pelo autor dos *Traços*, arrebanha e arregimenta todas as valentes cabeças que ali surgem; o Brasil não tem cousa que se pareça com isso, e os mais adiantados dos seus filhos andam descontentes, indisciplinados e improductivos pela norme *area* do Imperio.

(4) Sylvio Romero: — *Prioridade de Pernambuco no movimento intellectual brasileiro*; artigo na *Revista Brasileira*.

anno de 1869, o *Correio Pernambucano*, folha que se publicava nesta capital, inseriu em suas columnas alguns trabalhos do distincto sergipano, os quaes divulgavam algumas noções de positivismo. Foi esse o brado de *alerta*, que resoou fundamentalmente na consciencia de um pequeno numero de homens sinceros e entusiastas. Eu supponho comtudo que já existia nesse tempo, embora disseminada, sem força cohesiva uma preparação latente que tentava vir á luz para esposar os novos principios.

Só assim podiam apparecer logo depois, como aconteceu, os moços que em 1873 constituiram a redacção e collaboração do periodico denominado *O Trabalho*. Nessa folha, é que incontestavelmente se deve uma grande parte do impulso dado no paiz ás bôas theorias sociologicas, avultavam principalmente os seguintes nomes: Antonio de Sousa Pinto, Generino dos Santos, que nesse tempo ainda não era o poeta positivista das *Rimas Modernas*, Lagos Junior, Sylvio Romero, Celso de Magalhães, A. Saldanha, A. C. Ferreira da Silva e outros.

Infelizmente, á partir do tempo em que cessou a publicação do *Trabalho* nesse mesmo anno de 73, parece que Pernambuco começo á dormir um sonno indesculpavel, que eu julgo durar ainda. Para seguir então a desenvolução das theorias scientificas que tinham nascido aqui, torna-se necessario ao observador voltar-se para o Sul.

Ahi vê-se apparecer em 1874, na província de S. Paulo, a primeira parte da obra de Luiz Pereira Barreto — *As Tres Philosophias*, — a qual foi sem duvida alguma o primeiro livro methodico, completo, que derramou no Brasil as doutrinas positivistas de Comte, de quem o illustre medico de Jacarehy é discípulo habilissimo.

A' essa publicação sucedeu imediatamente (1875) em Pernambuco o apparecimento dos *Ensaios e Estudos de Philosophia e Crítica*, de Tobias Barreto, que nesse volume havia posto já o seu poderoso cerebro ao serviço da cultura germanica.

O Rio de Janeiro já então começava á agitar-se. Notavam-se na imprensa periodica umas largas aspirações evolucionistas. Era o periodo gestativo, de genese, que afinal produziu os *Pequenos ensaios positivistas* de Miguel Lemos, publicados na Cérte em 1877.

Depois dessa tentativa de moço, que aliás obteve umas palavras animadoras de E. Littré, veio á publico, também no Rio, um folheto

de Miguel Alves Feitosa, denominado *Os tres estados*, e impresso em 1878.

Isto quasi ao mesmo tempo em que eram ouvidas as conferencias darwinicas do Sr. Miranda Azevedo, (Côrte), vulgarisava-se o materialismo de Guedes Cabral, na Bahia, e Teixeira Mendes — um moço de grande talento — demandava a Europa em busca de uma educação e instrucção positivas.

Ainda nesse mesmo anno (78) nota-se o apparecimento de duas bôas publicações : *A Philosophia no Brasil*, do nosso melhor critico contemporaneo — Sylvio Roméro, e o livro postumo do cearense Raymundo Antonio da Rocha Lima, que já tive occasião de citar neste trabalho.

Mas não foram somente as provincias de Pernambuco, S. Paulo, Rio de Janeiro e Bahia que deram manifestações do espirito scientifico, na sociedade brasileira, e no tempo á que me reporto. Não. Tenho rasões para acreditar que, no periodo de 1873 á 1878, as provincias do Ceará e do Rio Grande do Sul demonstraram por factos o rompimento que haviam feito com o velho estado mental. No Rio Grande o escriptor Carlos de Koseritz, que não tem abandonado o seu posto, trabalhou fortemente na imprensa jornalistica em nome do germanismo. No Ceará ainda hoje resoam os nomes da *Escola Popular* e da *Academia Franceza*, onde se reuniam n'uma emulação e n'um trabalho constante os moços positivistas que se chamavam : Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Pompeu Filho, França Leite e alguns mais.

E não tem parado nem diminuido de 78 para cá o desenvolvimento ou progresso das novas idéas philosophicas.

Quer aqui no Recife, quer em S. Paulo ou no Rio, já de homens como os redactores do *Diabo a Quatro* e do *Democrata* (5) já de cerebros como os dos collaboradores da *Bibliotheca Util* (6); ha muito que esperar e muito onde se fundar a crença de um futuro melhor para este paiz.

E' isto pelo menos o que eu penso sempre que lanço o olhar por toda a extensão da minha patria, e encontro no seu seio, alem dos bons trabalhadores que citei, os vultos sympathicos dos moços que

(5) Periodicos publicados no Recife e inspirados na corrente das idéas positivistas.

(6) A *Bibliotheca Util*, fundada em S. Paulo (1880) pelo Sr. Abilio Marques publicou alguns interessantes volumesitos de Pereira Barreto, Julio Ribeiro, Ribeiro de Mendonça, Affonso Celso Junior, etc.

agora surgem, incapazes de contemporisar com a velha concepção theo-teleologica do mundo. Pelo menos, é isso o que eu sinto todas as vezes que posso escutar a grande alma generosa da mocidade de hoje !

\*\*\*

Estas linhas que aqui findam nada mais são do que uns traços fugitivos, rápidos, um magro esboço, do que se pôde dizer em relação á esta matéria. Não têm pretensões á mais. Si eu o puder, mais tarde, darei ao assumpto o desenvolvimento que elle comporta e exige; principalmente quanto á primeira parte deste estudo, e analysarei um por um os escriptores brasileiros sensatos e livres, que se tenham posto fóra dos prejuizos e da educação do passado. (7)

IZIDORO MARTINS JUNIOR

## OBSERVAÇÃO

O ensaio que se acaba de ler sobre a *Philosophia Positiva e o seu desenvolvimento entre nós* foi publicado nos numeros 2 e 3 da *Idéa Nova*, folha que eu com C. Bevílaqua e Clodoaldo Freitas redigi em 1880. Como trabalho destinado á um periodico, foi escripto sem interesse e cuidado. Por esse motivo saiu superficial e deficiente. Assim mesmo, porém, achei conveniente reimprimi-lo agora, alterando-o levemente em um ou outro ponto.

Actualmente as minhas idéas sobre o *Positivismo* differem um pouco das que eu sustentava na *Idéa Nova*. Depois que passei em revista os livros de Laffitte, de Robinet, de Lewes, de Spencer e de Roberty; depois que vi produzir-se a scisão entre *laffittistas* e *orthodoxos*; depois que penetrei mais fundamente no espirito da doutrina comteana; si por um lado convenci-me de que havia e ha, na *Philosophia* e na *Política Positiva*, muita cousa de emperrado e de inaceitável, por outro lado vi-me obrigado á abandonar o ponto de vista

(7) Vid. a *Observação*.

estreito e provisório da critica littreista, para ser um *positivista independente*, que faz justiça á Comte e á Littré e que procura enquadrar n'um systema largo todas as conquistas da Sciencia, vindas e por vir.

Foi levado pelas minhas tendencias anti-exclusivistas e pelos meus impulsos de tolerancia, que eu fallei de materialistas, de darwinistas, de monistas, sob a denominação geral de positivistas. Entendia e entendo que a philosophia das sciencias não pode repudiar theoria alguma scientifica. Si essas theorias arroteiam o campo do *relativo*, si não vão além das *causas naturaes* dos phenomenos, teem direito á ser acceptas e consideradas.

A promessa que fiz, ao terminar o precedente estudo, de aproveitar mais tarde esse arcabouço e tratar largamente da Materia, é muito provavel que não seja realisada. Além de outras razões, porque já as letras brasileiras possuem um explendido livro, firmado por um jovem e notável critico, cujo trabalho é de alto valor historico e philosophico. Refiro-me ao volume de Clovis Bevilaqua: — *A Philosophia Positiva no Brasil*, Recife, 1884 — volume em que o assumpto que eu prometti explorar é perfeitamente tratado.

## ENSINO CIVICO

FORMAS DE GOVERNO (\*)



Platão, observando os diversos Estados do seu tempo, e estudando o carácter de cada uma de suas constituições, distinguiu cinco formas de governo — a *aristocracia*, governo dos justos; *timocracia*, governo dos ambiciosos; *oligarchia*, governo dos ricos; *democracia*, governo do povo; *tyrannia*, governo de um só. (1)

(\*) As presentes linhas são extraídas de um opusculo escripto para as escolas primarias d'este Estado, e que brevemente será dado á luz, graças a gentileza de um amigo, que prometteu publicá-lo.

(1) Paulo Mongeolle — Os Problemas da Historia.

Aristoteles, com o seu admiravel talento de observação e de synthese, simplificou a classificação de Platão e reduziu a tres as formas de governo; *monarchia*, governo de um só individuo; *oligarchia*, governo de uma minoria, e *democracia*, governo da massa dos cidadãos. (2)

Machiavel não só adoptou a triade de Aristoteles, mas ainda de acordo com Polybio estabeleceu uma theoria da evolução politica dos povos, determinando as phases, por que passam os governos.

Os Estados a principio são monarchicos, depois aristocraticos, finalmente democraticos.

“ Tal é o circulo, diz o autor do *Discurso sobre Tito Lívio*, que são destinados a percorrer todos os Estados.”

A classificação de *philosophia stagyrita* é puramente accidental e logica; não tem valor fundamental nem importancia practica.

Quando mesmo os governos não estivessem subordinados a condições tão multiplas e variaveis, que tirassem-lhes todo caracter especifico, accresce que a determinação das especies em nada influiria, nem como elementos de uma organisação, nem como formas successivas, como phases de uma evolução.

Não se pôde dizer que o governo de todos, de uma classe ou de um individuo seja um caracter fixo, permanente, especifico de qualquer povo, nem que determine um momento historico de civilisação.

Não é caracter fixo, permanente de qualquer povo, como mostra Polybio na *Historia da República Romana*, descrevendo as phases successivas do governo latino, — monarchia até a queda de Tarquinio, aristocracia até a publicação das leis *Publilia* e *Petilia*, e democracia dahi por diante; nem é momento historico de uma civilisação, porque não ha parallelismo entre o desenvolvimento de um Estado e a forma do seu governo.

Não é raro encontrarem-se povos, em um mesmo grao de civilisação com formas de governo differentes, e vice-versa.

Os Ingleses, os Allemães, os Austriacos, enfim quasi todos os povos da civilisação occidental são monarchicos, ao passo que os Australianos, os Indios Pelle Vermelha, os aborigenes da India são em sua maioria republicanos.

O clan australiano é ordinariamente governado pelo *tendi*, conselho dos mais velhos que concentram todos os poderes politicos.

(2) Idem.

As tribus dos Indios Pelle Vermelha, segundo observa C. Letourneau na *Evolução jurídica entre as diversas raças humanas*, possuem verdadeiros typos de organização democratica.

Da mesma sorte, entre os aborigenes da India os governos pertencem quasi sempre a conselhos de notaveis, eleitos dentre os mais velhos das tribus.

Entretanto, - mesmo na Melanesia, na America, na India não faltam tribus monarchicas.

Não é raro encontrarem-se tribus, onde reina o mais absoluto regimen monarchico, onde a maioria dos crimes é considerada de lesa-magestade, ao lado de tribus em que os chefes são eleitos, e os crimes considerados simples irregularidades sociaes.

Não tem caracteres fixos, permanentes, específicos, as tres formas de Aristoteles, porque, alem dos ensinamentos da historia romana, a ethmographia dá-nos exemplos de povos, onde o poder absoluto de um só coexiste com instituições democraticas.

“ Assim, em cada cidade mandinga, por menos importante que seja, existe um alcaide hereditario, encarregado pelo soberano de administrar a justiça, mas com o concurso dos velhos.” (3)

A triade de Aristotelas não tem servido até o presente senão para impedir o desenvolvimento da organização politica dos povos modernos.

Sem attender ás modificações operadas pelo tempo, theoricos e estadistas têm procurado subordinar o governo das sociedades a alguma daquellas três formas, que consideram elementares e permanentes, ou formar com ellas governos mixtos.

Dahi — a maioria das constituições politicas em desharmonia com as condições constitucionaes das nações, ora mantendo-se classes privilegiadas, ora proclamando-se dictaduras presidenciaes, ora lisongeando-se o despotismo do maior numero.

Deste modo tira-se ás organizações constitucionaes o caracter scientifico, que devem ter, e instituem-se mecanismos politicos sem possibilidade alguma de aperfeiçoamento.

Os resultados desses systemas uniformes ou artificiaes são situações falças, difficuldades invenciveis, cujo desfeiche não tem sido outro sinão o despotismo ou a anarchia.

E' preciso assentar em bases mais solidas e mais largas a clas-

(3) Palavras teseas de Letourneau na obra citada.

sificação das formas de governo e sobretudo banir do lexico politico os termos *monarchia* e *república*, que continuam a produzir o chão na politica, reunindo sob uma mesma divisa as tendencias e aspirações mais oppostas, e separando en campos inimigos espiritos, que se bateriam pelas mesmas idéas, si nellas a validade das cousas não fosse obscurecida pela falta de clareza e precisão nas palavras.

Uma classificação mais de acordo com a observação dos factos, mais de harmonia com a vida politica das nações, seria a que reduzisse os governos a dous typos principaes: *sociocraticos* e *autocraticos*.

Nos primeiros o poder politico é efecto e não causa, elle nasce da solidariedade entre as partes componentes do organismo social; nos segundos, é um princípio superior destinado a dirigir e a proteger o todo collectivo.

D'ahi a diferença de estructuras entre uns e outros: nos primeiros predomina a iniciativa, nos segundos a obediencia passiva; nos primeiros impera a responsabilidade, filha da expontaneidade; nos segundos reina o despotismo, filho da hierarchia.

ARTHUR ORLANDO.

## As Andorinhas

(A MACHADO DIAS)



igeiras andorinhas correm pela sphéra  
Nuns adéjos febris, electricos, macios,  
E vão perder-se além nos neveiros frios  
Traduzindo um a un da velha atmosphéra

Os tristes hyeroglyphos. E a Primavéra  
Ha nove meses já qu'em loucos desvarios  
Engrinaldára rindo os mattagues sombrios  
De lyrios e boninas. Tudo emmurchecêra

Aos bafejos hostis do cyclope sidereo !  
 As andorinhas descem: vêm beijar os mares  
 Para em breve correr em busca do hemispherio

Onde tenha a Bonança os bemfazejos lares.

Tal, batidos tambem do temporal funereo  
 Desta vida fallaz, emigram meus sonhares !

F. PINTO DE ABREU.

## A VÓZ DA MÓRTA

(A MACHADO DIAS)



meia noite ! A hora do mysterio  
 Em que tudo parece sepultado  
 No silencio da morte !... E eu accordado  
 Tão só nesse deserto cemiterio

Escuto ao longe o balouçar funereo  
 Das tristes casuarinas, e ouço o brado  
 Do visinho oceano acorrentado  
 A cantar o seu funebre psalterio,

Eu penso então na Ausente bem amada  
 Na gelidez do tumulo abysmada,  
 Perdida para sempre ao meo amor.

E julgo ouvir a sua voz saudosa  
 Elevar-se de subito queixosa  
 Em um *crescendo* intermino de dor...!

CRUZ SALDANHA.

## A THEORIA PITHECOIDE

L'homme ne se distingue de l'animal qu'en ce que les traits communs aux deux sont chez lui mieux accusés et plus heureusement dessinés.

(Buchner — Conf. sur la théorie darwin. — trad. de A. Jacquot, p. 129

Lorsque je considère tous les êtres, non plus comme des créations spéciales, mais comme les descendants en ligne directe de quelques êtres qui ont vécu longtemps avant que les premières couches du système cumbrien aient été déposées, ils me paraissent anoblis.

(Darwin—L'origine des espèces, trad. de E. de Barbier p. 574.



Depois que as sciencias começaram a inspirar-se na observação e na experiência, os seus progressos têm sido rápidos, os conhecimentos humanos têm tido um ascendente considerável, um desenvolvimento espantoso.

Debalde os espiritos reaccionarios procuram impedir o curso dessa corrente impetuosa irresistivel, da philosophia moderna; de-

balde tentam reagir contra o movimento evolutivo manifestado ultimamente em todos os ramos do saber humano.

Um estudo mais serio das sciencias existentes e bem assim as conclusões das que foram sendo creadas, tem modificado profundamente as velhas concepções philosophicas.

O novo methodo da observação e da experientia, invadindo os diversos departamentos scientificos e submettendo ao rigor de sua analyse todos os phenomenos desde os mechanicos até os biologicos e sociaes, ao mesmo tempo que minava os fundamentos do antigo edificio philosophico erguido sobre os alicerces da theologia, reconstruia-o sobre as solidas e indistructiveis bases das verdades positivas.

As sciencias naturaes, principalmente, estudadas á luz daquelle methodo fecundissimo, tomaram prodigioso impulso; e, libertando-se da influencia theologica, destruiram completamente a velha theoria relativa à origem do homem.

Os espiritos superiores que, desde muito tempo, alimentavam serias duvidas sobre a origem dos seres organisados, reconheceram afinal que a doutrina biblica não podia sustentar-se em face dos novos conhecimentos scientificos, e procuraram resolver scientificamente o grave problema da origem das especies.

D'ahi nasceram diversas theorias, umas orthodoxas como as de Quatrefages e Agassiz procurando resolver a questão pela intervenção de um poder superior, de uma vontade suprema; outras revolucionarias buscando a solução do problema dentro dos limites da propria natureza.

Dentre os defensores das ultimas destacam-se os vultos eminentemente sympatheticos de Lamarck e de Carlos Darwin.

Foram elles, como é sabido, que conseguiram formular scientificamente a doutrina genealogica hoje dominante, o primeiro establecendo-lhe as bases, fundando a theoria da descendencia; o segundo demonstrando essa theoria e completando-a com a da selecção.

Deixando-a de parte, passemos á "mais importante de suas consequencias" — o parentesco genealogico da especie humana com os outros mammiferos.

Lamarck e Darwin não levaram a theoria genealogica ás suas ultimas consequencias.

O primeiro que havia afirmado serem todos os animaes e vegetaes o resultado das modificações por que passaram, através de seculos incontaveis, as primitivas substancias nascidas por geração espontanea, chegou á conclusão de que o proprio homem *podia ser considerado* como um aperfeiçoamento de certos macacos; mas não affirmou-o terminantemente.

Conheceu a verdade, porem não quiz manifestal-a em toda a sua nudez. (1)

E nem podia deixar de conhecê-la. Elle que assistira á formação espontanea dos primeiros seres vivos e acompanhara-os nas suas modificações successivas no tempo e no espaço; elle que descobrira a estreiteza dos laços de parentesco genealogico existente entre os animaes inferiores e os mais perfeitos, não podia deixar de reconhecer o mesmo parentesco entre os animaes superiores e o homem que se destacava, então, para formar um grupo distincto, uma especie a parte.

Emtanto o celebre naturalista não teve bastante coragem para sacrificar no altar da sciencia todas as conveniencias theologicas do seu tempo, hesitou ante a mais importante das conclusões a que fatalmente conduzem as primissas contidas no seu trabalho gigantesco.

Mas essa prudencia era necessaria ainda mesmo que a "Philosophie Zoologique" tivesse sido publicada meio seculo depois. E Darwin comprehendeu perfeitamente essa verdade. Na sua "Origem das Especies" não falou uma só vez sobre a origem animal do homem, assumpto que elle reservou cautelosamente para fazer objecto de um novo trabalho publicado annos depois (2)

Era, porem muito natural que, formulada por Lamarck a theoria da descendencia, desenvolvida e plenamente demonstrada por Darwin, della se deduzisse a mais importante de suas consequencias — a nossa origem simiana.

E foi o que effectivamente aconteceu. Reconheceu-se que o homem apresenta corporal e espiritualmente uma semelhança espantosa com os mammiferos superiores, e chegou-se a conclusão de ser elle não mais do que um simples aperfeiçoamento dos macacos.

(1) *Haeckel* diz, é verdade, que Lamarck affirmou claramente esta verdade (Hist. de la créat. nat. pag. 81, 84, etc); mas *Edmond Perrier* prova o contrario (Phil. zoologique, pag. 84 e seg.)

(2) Esse novo trabalho — *The descent of man and selection to sex* — foi publicado em 1871, e o primeiro — *On the Origin of Species*, etc, em 1859.

Huxley, depois de estudos acurados, pacientes, a que sujeitou os orgams humanos e os do anthropoide, constatou essa verdade.

“ Qualquer que seja, diz elle, o systhema de orgams que se considere, o estudo comparativo de suas modificações na serie simiana conduz ao resultado seguinte : as differenças anatomicas que separam o homem do gorilla e do chimpanzé são mais fracas do que as existentes entre o gorilla e os macacos inferiores.”

E o que se diz em relação ás differenças somaticas applica-se perfeitamente ás differenças psychicas.

Ou si o considere physica ou moralmente, o anthropoide mais desenvolvido dista muito menos do homem ( pelo menos dos representantes mais atrasados da chamada especie humana) que dos macacos inferiores.

Sem duvida, affirma Hœckel, sob todas as relações, os animaes superiores approximam-se muito mais do homem que dos inferiores. E depois accrescenta — que o mais atrasado dos homens e o mais desenvolvido dos animaes differem menos do que douz individuos tomados nas extremidades (inferior e superior) da escala humana. (3)

E de facto : o anthropoide está muito mais proximo do australiano, por exemplo, que este de um typo europeu.

Esses homens primitivos, cuja intelligencia não lhes permittia prever, uma vez fartos, que precisariam de alimentar-se mais tarde; (4) e mesmo esses outros que embora muito mais adiantados não podem, entretanto, supportar o menor exercicio mental, (5) assemelham-se mais ao macaco do que aos Newton, Galileu, etc.

Os estreitos limites de um artigo, maxime nas condições do presente, não permitem que se desça a detalhes. Deixo, por isso, de resumir os argumentos com que Hœchel prova a origem simiana do homem, e responde ás objecções até hoje apresentadas contra a theoria pithecoide (6) — a mais importante consequencia da doutrina genealogica, o mais brilhante resultado das investigações scientificas do seculo e a gloriosa conquista de que a humanidade tem mais justos motivos de orgulho.

SOLIDONIO LEITE.

(3) Ob. cit. pags. 487 e 559

(4) E. Véron — La morale p. 9

(5) Spencer — Pr. Soc. vol. I p. 125

(6) Ob. cit. p. 585 e segs.

A \*\*\*



uando tu vestes, meo amor, teo rosto  
Dessa tristeza scismadora e molle  
Nada ha que ponha termo ao meo desgosto  
E a solidão deste viver console.

Em que tu pensas num pensar tão fundo ?...  
Foi-te de magoa alguma vez a vida ?!  
Em que tu scismas, porventura o mundo  
Tem dôres para ti, que és tão querida ?

Tu nunca amaste, nunca viste á noite,  
Quando a rajada passa e a vela apaga,  
Sombra infiel em ti vibrando o açoite  
Do olhar que abrasa mas que o peito alaga !

Sonhos de gloria ? Quaes os teos creança ?  
Não, nessa estrada nunca vista em calma,  
A gente sobe, quando a inveja cança  
— Rosas na fronte e o espinho dentro d'alma !

Se o amor e a gloria, pois, te não perseguem  
Nem de teo sonno a placidez agitam  
Foge das nuvens que teo rosto seguem  
Abre teo seio aos olhos que te fitam.

Ri; é tão dûrõ o mundo em que passamos,  
Tanto se espreita as dôres que sentimos,  
Que é preciso que sempre nos ríamos  
Ou que façamos sempre que nos rimos !

Sê doce, flôr; a noite é tão escura...  
As folhas bolem, os ramaes estalam,  
O jardim é deserto, a agua murmura  
E as estatuas de marmore não fallam...

E como a tarde, o astro rei dormente  
Vae morrendo cahir do valle em meio,  
Deixa que a fronte encandescida e ardente  
Eu vá deitar no valle de teo seio.—

GERVASIO FIORAVANTI.



## RELICARIO



quadra angelicar da nossa infancia  
E' breve como um sonho côr de rosa  
— Loura visão gentil e vaporosa  
Que se esvae em suavissima fragancia

Apenas do passado na distancia,  
Qual uma aurora fria e nebulosa,  
Parece distinguirmos da saudosa  
Edade prima a encantadora estancia.

As purissimas crenças la ficaram  
Co'a innocencia e o prazer que se aninharam  
Nos nossos então puros corações.

E o que nos resta d'essa quadra linda ?  
— Um só raio de luz — saudade infinda —  
Triste como o fugir das illusões.

LUDOVICO LINS.

## Minha Partida



Parto. P'ra longe vou. Não sei porém  
Onde a sorte conduz o meu destino,  
Sei que vou como vae o beduino  
Pelo ermo, onde, só, não vê ninguem !

Sei que minh'alma frio e pobre tem  
Desse meu puro amor nobre e divino,  
Sei que a estrada é poenta, o sol á pino,  
E eu de me cançar n'este vai-vem !

Pouco importa o cansaço ! Jamais quero  
Que adormeça um instante esta illusão  
Que me povoa a mente e o coração :

E' inda aqui voltar (e assim o espero)  
E a teos pés sacudir a noite e a aurora  
D'essa viagem cruel que me devora !

LEONIDAS E SÁ.